

***Sanatorium: a ditadura florianista e o reposicionamento
dos portugueses na sociedade brasileira***
***Sanatorium: the Florianist dictatorship and the repositioning
of the Portuguese in Brazilian society***

ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR¹

Resumo: Com este texto, pretende-se demonstrar que *Sanatorium*, romance-folhetim escrito a quatro mãos por Olavo Bilac e Carlos Magalhães de Azeredo e publicado no matutino *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, no final de 1894, representava uma alegoria da conjuntura político-social de então, marcada pelo recrudescimento da ditadura florianista.

Palavras-chaves: Primeira República; folhetim; Olavo Bilac; Carlos Magalhães de Azeredo.

Abstract: This essay is intended to demonstrate that *Sanatorium*, a novel-serial written by Olavo Bilac and Carlos Magalhães de Azeredo and published in the daily newspaper *Gazeta de Notícias*, in Rio de Janeiro, at the end of 1894, represented an allegory of contemporary political-social situation, marked by the upsurge of the Florianist dictatorship.

Keywords: First Republic; serials; Olavo Bilac; Carlos Magalhães de Azeredo.

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP); CNPq.

Sanatorium é o título de um romance-folhetim publicado na *Gazeta de Notícias*, de 11 de novembro a 12 de dezembro de 1894.² Pretende-se aqui demonstrar que se tratava de uma alegoria da conjuntura política de então, em universo ficcional em que quase não se faz notar a presença portuguesa.

A narrativa seriada iniciou-se às vésperas da eleição presidencial, realizada em 15 de novembro, e concluiu-se nos primeiros dias do mandato do primeiro presidente civil do Brasil: Prudente de Moraes.

Embora se tratasse de uma obra escrita a quatro mãos por Olavo Bilac e Carlos Magalhães de Azeredo, foi atribuída no jornal a Jaime de Ataíde, de quem se publicou um *portrait-charge*. Segundo a «biografia» anexa à ilustração, o suposto autor era mineiro de Bom Sucesso, contava 42 anos e fazia sua estreia nos jornais da Capital Federal. Tendo estudado no Seminário de Mariana, cursara depois Direito em Recife. Uma vez formado, viveu pelo interior do Brasil e, posteriormente, na Europa. Em sua juventude, fora poeta melancólico, mas se tornara com o tempo «humorista terrível» (Bilac e Azeredo, 1894a: 1). Sua verve custara-lhe alguns dis-sabores, obrigando-o a sucessivas mudanças de cidade, em virtude das sérias ameaças

que sofrera da parte dos que se julgavam atingidos por ela. Como exemplo de sua arte satírica, a *Gazeta* transcreveu um soneto em que Jaime de Ataíde zombava de velha rica, recém-casada com rapaz de 25 anos.

A falsa atribuição de autoria continuou a ser sustentada pelo jornal. Quando o folhetim já contava dez edições, publicou-se carta de O. e L. enviada de Bom Sucesso, terra natal do autor. Os missivistas referiram-se a Jaime de Ataíde como «um dos poucos, pouquíssimos valdevinos» produzidos pela cidade mineira. «Tipo vicioso e malvado», seria «caloteiro de marca» e viveria embriagado, valendo-se do seu estado alterado para «insultar os capitalistas mais distintos» de Bom Sucesso. Reconhecendo o talento de seu conterrâneo para a sátira, O. e L. saíram, porém, em defesa da mulher atingida pelo soneto publicado poucos dias antes:

A senhora [a] que ele se refere não tem mocidade nem beleza, é certo; mas tem dinheiro, que substitui perfeitamente e com vantagem uma cousa e outra; porque a mocidade e a beleza passam e o dinheiro fica [...]. (Bilac e Azeredo, 1894b: 1)

Logo após a carta, publicou-se nota de redator anônimo que assegurou ter conhecido pessoalmente Jaime de Ataíde e com ele ter conversado várias vezes. Em sua avaliação, era «cavalheiro distinto, bem-educado e a todos os respeitos estimável». Sendo assim, concluía que os autores da carta eram movidos

² O folhetim foi suspenso apenas nos dias 26 e 29 de novembro. A primeira edição em livro ocorreu tardiamente, em 1977, por iniciativa do Clube do Livro de São Paulo.

por algum ressentimento de natureza pessoal. Poderiam ser inclusive o moço ou a mulher atingidos pela sátira (Bilac e Azeredo, 1894b: 1).

Apesar da falsa atribuição ter sido sustentada pelo jornal, e apesar das críticas políticas contidas pelo folhetim, a real autoria não era um segredo guardado a sete chaves. Logo em janeiro de 1895, Júlio Pompeu, ao fazer o elogio de Carlos Magalhães de Azeredo, nomeado secretário de legação em Montevidéu, disse que ele era «amigo íntimo de Olavo Bilac» e teria escrito com o poeta da *Via Láctea* «belíssimas páginas de *humour*, notando-se entre elas as do *Sanatorium*, de ruidosa memória» (*Gazeta de Notícias*, 1895: 2).

A amizade entre Bilac e Magalhães de Azeredo consolidou-se no final de 1893, quando ambos se encontravam exilados em Minas Gerais, longe do alcance do estado de sítio decretado no Rio de Janeiro, após a deflagração da Revolta da Armada, em 6 de setembro de 1893. Bilac, que estivera detido por cinco meses na fortaleza da Lage e escrevera inúmeras sátiras e textos críticos sobre Floriano Peixoto, tinha bem fundados motivos para temer a repressão florianista. Por sua vez, Magalhães de Azeredo, tido e havido como simpático ao antigo regime, poderia ser considerado suspeito de colaboração com um movimento considerado criptomonarquista.

Durante sua estadia nas cidades mineiras, os folhetinistas puderam testemunhar o êxodo

de cariocas, que deixavam o Rio de Janeiro temerosos dos bombardeios da Armada e, como em todos os verões, dos surtos de febre amarela. Naquele tempo, havia em Minas Gerais várias estações de águas com razoável estrutura hoteleira. Para a elite carioca, era de bom tom refugiar-se dos rigores do verão carioca nas montanhas de Minas e também na serra de Petrópolis. São Bernardo, a cidade ficcional criada pelos folhetinistas, continha um pouco de Ouro Preto, primeiro destino dos refugiados políticos, das estações de águas mineiras e de Petrópolis, onde funcionava estabelecimento em condições semelhantes ao do folhetim, inclusive com dependências denominadas «Pensão Sanatorium» (Bilac e Azeredo, 1894c: 2).

Um traço ideológico saliente entre muitos defensores da República, inclusive entre os mais aguerridos florianistas, era a xenofobia, especialmente o antilusitanismo. Por isso, não era casual que, em *O mulato* e *O cortiço*, romances de Aluísio Azevedo, odiosos representantes das classes privilegiadas fossem portugueses. Em *Sanatorium*, ao contrário, os portugueses foram rebaixados à categoria de personagens secundárias. A mais importante para o enredo era a lavadeira Geneveva, que, não obstante, figurou apenas em um *flashback* para que se conhecesse a origem obscura de D. Carmita, um dos dínamos da intriga. Assim a descreve Jaime de Ataíde:

[...] era uma alentada e vermelha portuguesa, cujos cabelos começavam apenas a embran-

quecer, quando Carmita completou 12 anos de idade. Era uma moura para o trabalho. Às 5 da manhã, já andava pelo lavadouro, sem meias, em socos de pau, os braços grossos e rubros cobertos sempre de uma espumarada de sabão ordinário, grossas arrecadas de ouro nas orelhas enormes, e um vocabulário áspero e teso de regateira espocando perpetuamente da grande boca sensual. (Bilac e Azeredo, 1977: 54)

No início do folhetim, apresentou-se um certo Fontoura, «português de curtas vistas», «burro, malcriado», dotado de «vocabulário restrito, mas escolhido, para descomposturas soezes» (Bilac e Azeredo, 1977: 37). No entanto, Fontoura «desapareceu» após dizer uma frase banal ao responder a Vidigal, que, ansiando pela vitória dos revoltosos de Armada, comentara que o almirante Custódio não podia morrer: «Como não pode morrer? É tão homem como os outros... É boa!» (Bilac e Azeredo, 1977: 41).

Os folhetinistas colocaram outros portugueses entre a criadagem do Sanatorium. O jardineiro-chefe era «um Vasco da Gama em edição barata», com sotaque de ilhéu. Acompanhado de duas irmãs, as camareiras Teodolinda e Mariana, destacava-se do grupo dos empregados o lisboeta Daniel, descrito como um «exemplar de saloio sonso, viciado pela vida das cidades, muito inocentinho na aparência, mas sagaz como diabo, e malicioso» (Bilac e Azeredo, 1977: 48). Os cronistas atribuíram-lhe o costume de criticar os erros alheios sempre

com a mesma frase: «Que crônicos! Que crônicos!» No final do folhetim, Daniel teria oportunidade de mostrar-se enfurecido com a fuga do patrão, que já não tinha explicações plausíveis para os seus credores: «Gatuno de gravata lavada! Se te pilho num canto escuro que eu cá sei!» Diante das dificuldades práticas que a súbita mudança de hotel, determinada pelo fechamento do Sanatorium, impunha aos atarantados hóspedes, vociferava com os companheiros da criadagem: «Lá se avenham! [...] todos eles são a mesma canalha de gatunos crônicos! Aqui já não há criados, nem patrões!» (Bilac e Azeredo, 1977: 133).

O enredo elementar de *Sanatorium*, baseado na constituição e rápida derrocada do hotel-sanatório, resultava da reunião em um espaço restrito de tipos representativos da sociedade brasileira de então. Como se sabe, a técnica já fora empregada com sucesso por Aluísio Azevedo em *Casa de pensão* e *O cortiço*. A discreta posição reservada para as personagens portuguesas no enredo talvez esclareça parte das ideias políticas dos autores.

Nos dois romances de Aluísio Azevedo, acentuou-se a promiscuidade das habitações coletivas, que reuniam indiscriminadamente pessoas de classe, raça, idade, temperamento e educação distintos e talvez incompatíveis. O hotel-sanatório do folhetim tendia, ao contrário, a reunir pessoas das camadas privilegiadas da sociedade. Mas os folhetinistas enriqueceram o seu elenco de personagens com

os refugiados políticos, a criadagem do hotel e toda uma companhia de teatro, especializada nos gêneros cômicos e musicados, que tentava a sorte no interior.

O resultado foi uma grande profusão de personagens, das quais algumas, como o mencionado Fontoura, ficaram «esquecidas» pelos autores, isto é, tendo sido introduzidas no folhetim e até mesmo descritas, não tiveram depois participação relevante no enredo. *Sanatorium* continha tantas personagens quanto uma revista de ano, forma dramática por duas vezes julgada ideal pela personagem Álvaro Cândido para representar os acontecimentos daquela estação em São Bernardo.

Pela conjuntura do país no ano de 1893, seria razoável imaginar que a política fosse o tema privilegiado pelo folhetim. De fato, algumas personagens representavam agrupamentos ou ideologias políticas. O marquês e a marquesa do Tijuco eram personagens associadas ao velho regime. Dr. Lemos, médico a quem os autores atribuíram «sentimentos revolucionários», representava os republicanos autênticos, que lutaram pela mudança de regime ocorrida em 1889. O barão de Raymond, hóspede, e Silveira Jacques, dono do hotel, equivaliam aos adesistas de última hora, oportunistas, que souberam lucrar com as especulações do Encilhamento. Os florianistas ardorosos e impulsivos ficavam representados pelo comendador Romaguera. O grupo de jovens escritores, estudantes e jornalistas exilados fazia as vezes da

oposição ao governo de Floriano Peixoto, considerado por todos um ditador. Na narrativa, os próprios autores figuraram como Manhães de Azevedo e Olívio Bivar. Por sua vez, Vincentim de Guimarães correspondia a Valentim Magalhães. Embora fosse de outra geração, o intrépido e empedernido monarquista Carlos de Laet foi representado como Artur Amat, uma das personagens «esquecidas».

Essas personagens se tratavam com relativa cordialidade e as poucas discussões políticas eram desencadeadas pelos destemperos de Romaguera. Sendo assim, o enredo era movido principalmente por intrigas amorosas centralizadas em torno de duas personagens femininas: a atriz Leviccolo e D. Carmita. Enquanto a primeira correspondia ao estereótipo da «comediante» de costumes arejados, a segunda era como Pombinha, personagem de Aluísio Azevedo, uma «flor de cortiço», criada pela mãe viúva, que sobrevivia de lavar roupas «para fora». Tendo conquistado a confiança de uma freguesa, Genoveva conseguira para a filha uma posição de dama de companhia dessa senhora rica.³ Quando esta faleceu, o marido, Leopoldo da Costa, embevecido com os encantos da adolescente, tomou-a como esposa. Carmita passou então a usufruir de uma vida de luxo e prazeres, até que o fim da euforia do Encilhamento a fez deixar o seu pa-

³ Em *O cortiço*, a lavadeira D. Isabel, portuguesa de origem, estimulava a amizade da filha com uma de suas freguesas ricas, *madame Léonie*, uma cortesã.

lacete do Cosme Velho e esconder-se – entre as montanhas de Minas – dos credores do marido, um dos fracassados zangões da Bolsa, que se encontrava em Buenos Aires a tratar de providencial herança deixada pelo antigo sogro. Se já dera mostras de comportamento leviano no Rio de Janeiro, em São Bernardo D. Carmita atirou às favas os últimos escrúpulos da consciência.

Leviccolo era companheira de ator cômico, o Mendes. Embora nota publicada meses antes na *Gazeta de Notícias* tivesse garantido que as «senhoras» representadas no romance eram «pura fantasia» de Jaime de Ataíde, ficava evidente que seu nome aludia à conhecida atriz Lopiccolo, da Companhia Ismênia dos Santos. No folhetim, a diretora da companhia era Ifigênia da Costa. Apesar da vigilância cerrada que Mendes exercia, Leviccolo recebeu o estudante Fabrício Autran, no próprio camarim do teatro, pouco antes de um espetáculo, desencadeando uma briga entre os dois rivais e um grande escândalo.

Já D. Carmita envolveu-se com Vidigal, rapaz do Rio, enquanto era impudente e insistentemente assediada por Romaguera e observada e desejada à distância pelo barão de Raymond, afinal vencedor da disputa porque, dos três, era o que possuía dinheiro.

Os episódios em que os pretendentes das duas mulheres se desentenderam não tiveram desenlace trágico. Constituíam, muito pelo

contrário, cenas cômicas, graças ao caráter grotesco das personagens Mendes e, especialmente, Romaguera. O comendador, aliás, flo-rianista exaltado, era uma caricatura do grupo político que representava. Os folhetinistas fizeram-no, com exagero ostensivo, impulsivo, irascível, pretensioso, intolerante e descortês.

Apesar do predomínio de episódios e personagens cômicas, o folhetim narrou também o agravamento da doença de outra figura feminina – Ester – e a sua morte inevitável. Ester era uma típica personagem de romance naturalista, uma histérica como Nini, de *Casa de pensão*, e Magdá, protagonista de *O homem*. Em *Sanatorium*, porém, não passava de personagem secundária. Sua crise, no capítulo V, desencadeou uma discussão entre Dr. Lemos e Silveira Jacques, com a qual se evidenciou a precariedade do conhecimento científico e a falta de escrúpulos do proprietário do hotel-sanatório. No capítulo XVII, revelou-se o estado desesperador da doença de Ester na moldura melancólica de um crepúsculo nas montanhas de Minas. Os capítulos XXVII e XXVIII dedicaram-se, respectivamente, à sua morte e cerimônias fúnebres, antecipando a «morte» do *Sanatorium*, afinal inútil para deter a marcha irresistível da histeria.

Assim como Dr. Lemos apresentou-se como representante do bom senso e da honestidade intelectual, os escritores Olívio Bivar e Vicentim de Guimarães mostraram-se adeptos das «ideias modernas» como exemplares tí-

picos dos *mosqueteiros intelectuais* que tinham levado adiante as campanhas pela Abolição (1888) e a República (1889).

Em uma excursão dos hóspedes a uma gruta na região, a marquesa do Tijuco resolveu erigir no centro da maior cavidade uma capelinha em louvor de Nossa Senhora de Lourdes. Enquanto todos elogiavam a ideia, Vicentim de Guimarães interrompeu os cumprimentos para extravasar toda a sua indignação:

— Pois eu acho que vai ser uma porcaria! [...]
— Vai ser uma porcaria! É uma ideia que só podia caber em cérebros fanatizados. Pois, então, por causa da Senhora de Lourdes querem os senhores estragar esta preciosíssima obra da natureza?! Com todos os diabos! Não faltam por aí pedaços de pedra em que se possa aninhar a tal Senhora de Lourdes! (Bilac e Azeredo, 1977: 780)⁴

Por ocasião das cerimônias fúnebres de Ester, os escritores, que já haviam acompanhado o cortejo até a Igreja do Carmo, estavam enfiados com a encomendação, os cantos e as rezas infundáveis:

— Ora, mas que absurdo costume desta gente daqui! Não acham a morte bastante lúgubre, querem torná-la mais lúgubre ainda, e além de tudo odiosa... Quem pode assistir a isso, sem um sentimento de pavor e repug-

nância?... — observava Manhães de Azevedo a Joãozinho Romão, que estava a seu lado.

— Isto aqui é assim, por uma só razão: porque sempre foi assim... Este povo é aferrado aos seus hábitos, e não os larga nem a cacete. Eu, muitas vezes, em conversas e em artigos de jornal, censurei este uso absurdo — mas foi inútil...

— É um resto de selvageria medieval ou indígena — acudiu Olívio Bivar. — Até certo ponto, é pitoresca... (Bilac e Azeredo, 1977: 131-132)

De origem política ou filosófica, o anticlericalismo, assim como o antilusitanismo, era um dos traços ideológicos mais salientes dessa geração, que tendia a combater a religião católica por considerá-la um dos principais sustentáculos da monarquia. Assim como a intervenção de Vicentim de Guimarães em prol da conservação das belezas naturais, as observações sardônicas sobre os ritos fúnebres do catolicismo serviam para evidenciar a incompatibilidade ideológica entre os intelectuais modernos e as classes ditas «conservadoras».

Quando criaram a sua habitação coletiva, o Sanatorium, Bilac e Magalhães de Azeredo, imitadores de Aluísio Azevedo, não a povoaram de personagens portuguesas egoístas, inescrupulosas e insensíveis como João Romão e o comendador Miranda, de *O cortiço*. O confinamento das personagens portuguesas a um plano secundário da narrativa talvez correspondesse à percepção, por parte dos folhetinistas, de uma menor relevância da comunidade de imigrantes no Brasil, especialmente após a queda do Imperador, que, como membro da

==

⁴ As citações se fazem a partir da primeira edição em volume, realizada em 1977 pelo Clube do Livro, de São Paulo.

Casa de Bragança, despertava desconfianças e alimentava o jacobinismo local. Já era hora de procurar entre os brasileiros os responsáveis pelas mazelas brasileiras. No Brasil em miniatura, que é *Sanatorim*, a responsabilidade por elas recaiu sobre os ombros de boa parte da elite econômico-social do país. Ocupando-se apenas com ostentar riqueza e gozar os prazeres da vida, mantinha-se aferrada a ideias superadas e tradições lamentáveis, ao passo que impedia o *progresso* – da forma como era compreendido no final do século XIX – com atitudes de indiferença ou intolerância política.

O estabelecimento esperançoso e a rápida e fraudulenta falência do hotel-sanatório aludiam ao fracassado projeto republicano de de-

envolvimento econômico que passou para a história com o nome jocoso de Encilhamento. Já não era possível atribuir a conspiração de portugueses ou a maquinacões da dinastia de Bragança a responsabilidade por esse gigantesco fracasso brasileiro.

Bibliografia

BILAC, O. e AZEREDO, C.M. (1977). *Sanatorium*. Clube do Livro. São Paulo;

BILAC, O. e AZEREDO, C.M. (1894a, 14 de novembro). O distinto escritor... *Gazeta de Notícias*. p. 1;

BILAC, O. e AZEREDO, C.M. (1894b, 20 de novembro). *Sanatorium*. *Gazeta de Notícias*. p. 1;

BILAC, O. e AZEREDO, C.M. (1894c, 31 de dezembro). Vida de Petrópolis. *Gazeta de Notícias*. p. 2;

Gazeta de Notícias (1895, 13 de janeiro).